

Vale quanto pesa

Klecius Henrique
Da equipe do **Correio**

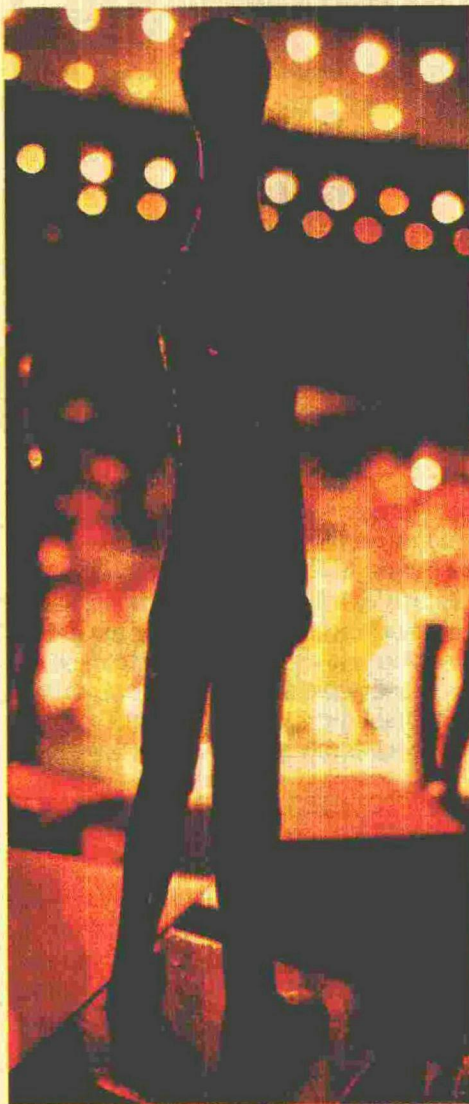
Anderson Schneider 30.11.99

De bronze, banhado a ouro e com 18 cm e 1,7 quilo, o Candango é um prêmio cobiçado no mercado nacional. Os realizadores, por exemplo, acham que a estatueta tem o poder de alavancar a trajetória interna de um filme. “Ganhar Brasília ou Gramado sempre ajuda porque atrai a atenção de exibidores, distribuidores e público”, afirma o cineasta Carlos Reichenbach, um dos jurados da mostra competitiva de 35mm este ano.

Em 1993, ele conquistou cinco troféus por *Alma Corsária* — entre eles, o de filme e diretor. Ainda em Brasília, colheu os frutos da premiação. “Quando acabou a cerimônia, Adhemar Oliveira (dono da rede Espaço Unibanco) me procurou e disse que queria distribuir meu filme. Por isso, digo que o Candango ajuda”, observa Reichenbach.

A força, no entanto, é colocada em xeque por analistas e distribuidores, que duvidam da eficiência prática dos prêmios dos festivais brasileiros. O próprio Adhemar Oliveira vê, com ressalvas, o atual papel dos festivais e da distribuição dos filmes.

“Os festivais eram pontas-de-lança, porque os filmes chegavam logo. O elo se perdeu pela inexistência da distribuidora, pelo número de salas, pela falta de estratégia. Hoje, os festivais servem para cidade. Antes, serviam para o país”, avalia o dono da rede Espaço Unibanco, apontando a



TROFÉU CANDANGO: A COBIÇA DE UNS E O DESPREZO DE OUTROS

Agência Nacional de Cinema (Ancine) como uma esperança para revitalizar a distribuição.

O cineasta Paulo Sérgio de

Almeida, dono do *Filme B*, informativo especializado em números do mercado audiovisual brasileiro, é mais radical. “Até hoje os festivais não conseguiram contribuir para bilheteria do filme brasileiro. Cannes e Berlim, além do Oscar, são os únicos que conseguem isso”, afirma.

O cineasta Beto Brant, que concorre com *O Invasor*, aposta no poder mídia da premiação dos festivais. “O Candango ajuda porque vai para o currículo do filme. Nos jornais, os críticos sempre citam as premiações”, destaca. O coordenador do festival, Fernando Adolfo, faz coro, dando o exemplo da citação aos troféus Candango nos cartazes das fitas.

“Laís Bodanzky refez os cartazes depois que *Bicho de Sete Cabeças* saiu consagrado de Brasília. Isto significa que o filme ganha com o prêmio, sim”, avalia Adolfo. Em Brasília, além do troféu, o diretor do melhor filme embolsa R\$ 50 mil. “Dá para ele fazer pelo menos dez cópias a mais”, lembra Adolfo. Nesse ponto, Paulo Sérgio de Almeida elogia a premiação em dinheiro do Festival de Brasília e de outras mostras nacionais. Para ele, os valores

dos prêmios podem ser revertidos em mídia e na conquistar de público. “É de mídia que os filmes precisam”, arremata.